MEDICINA NARRATIVA: A REDENÇÃO

Acad. José Camargo

“A pessoa adoece por carência de verdadeiras relações pessoais. Se você lhe der impessoalidade e neutralidade dará exatamente o que lhe causou a doença. Nossa tarefa é a da construção do encontro. E não há encontro que seja impessoal. Impessoal é o desencontro.” (Hélio Pellegrino)

Com os impressionantes avanços da medicina, se pode dizer, com uma dose sadia de orgulho médico, que sabemos muito mais do que nossos antecessores. Mas isso só aumenta o constrangimento de percebermos que, a julgar pelo aumento das demandas judiciais e reclamações nas mídias sociais, os pacientes não nos percebem melhores. Atribuir a culpa às circunstâncias que encurtaram o tempo de atendimento e impuseram aos pacientes a loteria de sair de casa sem nenhuma certeza de que o médico que estará do outro lado da mesa, dará a mesma importância a este encontro, faz algum sentido, porque esta interação com o médico é, em resumo, uma relação entre duas pessoas, e o entorno deve ser ignorado quando elas se encontram.

Colocar a responsabilidade na tecnologia que, com seus braços longos, tem aumentado a distância entre o médico e o seu paciente, é uma simplificação inadequada e ingênua.

Na verdade, se utilizarmos menos da tecnologia disponível, devemos nos considerar fraudulentos na expectativa dos pacientes, mas se esperarmos que este novo mundo de monitores coloridos, possa substituir a figura do médico, estaremos renegando a nossa essência, e abdicando do acesso ao mais nobre dos sentimentos humanos: a gratidão, que é o subproduto mais doce de uma relação humana generosa.

A medicina narrativa, que veio para polir as arestas de uma relação que se tornou superficial e rígida, tem sido adotada como instrumento precioso para, através das artes, humanizar os profissionais da saúde. A inclusão das disciplinas sobre humanidades nos currículos das melhores faculdades de medicina do mundo, não deixa dúvida que a aridez da atitude de quem só aprendeu a tratar das doenças e que ignora o que pensa e sente quem está doente, está minando a figura humana do médico, visto até há poucos anos como uma referência afetiva da comunidade.

O estudo da literatura, bem como do cinema e de outras artes, está sendo introduzido como disciplina obrigatória do curso médico das melhores universidades internacionais, com o intuito de resgatar o glamour de uma

profissão, que só é desmerecida por quem nunca adoeceu, mas que, com o aumento da expectativa de vida, um dia, descobrirá.

A relação M/P é, em resumo, um jogo de sedução e conquista, e temos que admitir que a mecanização do atendimento médico, não tem nada de sedutor.

O quê a chamada medicina narrativa tem proposto, é o uso qualificado da palavra para que o médico aprenda a se expressar melhor, a se fazer entender melhor, qualquer que seja o nível intelectual do paciente. E pelo mesmo caminho aprenda a ouvir, uma necessidade de qualquer relação pessoal e, que tem sido tão ostensivamente negligenciada. Há, finalmente, a consciência de que em algum momento da história recente, perdemos o compasso. O que se pretende agora, é o resgate do afeto, buscando na interface com a literatura, a humanização das novas gerações médicas. E isso tudo em benefício do paciente que se vê, como nunca, um intruso no processo do qual ele é própria razão de ser.

Não recuperaremos a histórica figura do parceiro confiável, com esse atendimento surreal em que cada especialista cuida de um pedaço do corpo de quem, se sabendo único, não entende a fragmentação, e se percebe abandonado e desprotegido.

E peregrina pelos consultórios como um zumbi, desorientado e solitário.